

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (37.1): pp. 477-480, Jan./Jun. 2017

EULÁLIO, Alexandre. *Os brilhos todos. Ensaio, crônica, artigo, entrevista, apresentação, nota, crítica, resenha, poesia etc, de Alexandre Eulálio*. Org. e notas Carlos Augusto Calil, Pref. Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Mario Luiz Frungillo

Os brilhos todos é mais um dos “livros involuntários” de Alexandre Eulálio, que em vida publicou sob essa forma apenas *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, deixando aos amigos a tarefa de organizar em volume, da melhor forma que pudessem, as centenas de textos dos mais variados gêneros que deixou espalhados em jornais, revistas, catálogos de exposições, livros de outros autores, em forma de papéis avulsos etc. Essa falta de preocupação em fixar de forma mais duradoura e acessível seus trabalhos (que de certo modo modesto o coloca na ilustre companhia de Shakespeare e Bach) foi frequentemente lamentada. Diante da imensa diversidade, e não podendo contar sequer com a indicação do autor para compor volumes mais orgânicos, com uma temática mais definida, os organizadores se veem na contingência de preparar coletâneas como essa: diversas, dispersas, informes.

Mas isso talvez redunde antes em vantagem que em prejuízo para ele. Pois é bem possível que essa seja a melhor maneira de dar ao leitor uma ideia da erudição muito peculiar de Alexandre Eulálio e da forma pulsante pela qual sua capacidade reflexiva se movimentava entre todos os espaços possíveis e todas as formas de expressão artística. Se nenhuma parece escapar ao seu interesse, também nenhuma parece se sobrepor a outra. E em sua cabeça todas interagem de maneira a formar, surpreendentemente, um todo. Assim, não é na homogeneidade temática ou de abordagem teórica

que se deve buscar a unidade de um volume como este, mas na sensibilidade estética e humana de quem produziu os textos que o compõem.

Pode-se, sem insultá-lo, ver nisso uma forma de diletantismo, uma vez que ele mesmo o admitia e foi assim chamado no título de um número especial desta mesma revista, organizado por Maria Eugênia Boaventura e Carlos Augusto Calil, em sua homenagem. Mas talvez não seja bem isso, e sim uma forma especial de estar no mundo e buscar vê-lo pelo prisma de sua beleza. O entusiasmo de Alexandre Eulálio pela arte não é mera pose, e sim algo profundamente vivido. De outro modo, ele não poderia ter encontrado motivos para celebrá-la tanto nas suas formas mais elaboradas quanto onde menos se poderia esperar encontrá-la. Um bom exemplo disso é o ensaio “Presença de santa Teresinha nas letras e artes do Brasil”. O título não dá conta do trabalho que, por ocasião do quadragésimo aniversário da canonização de Teresa de Lisieux, evoca as formas de devoção popular de que a santa é objeto, para então discorrer sobre a forma como, a partir daí, ela se tornou tema para autores como, entre outros, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto. Tudo isso para terminar com uma inesperada expressão de empatia com a sentimentalidade popular: “Transpondo para o mundo da graça a ‘Teresinha de Jesus’ que ‘de uma queda foi ao chão’, cada um de nós afinal aspirava a ser aquele ‘a quem Teresa deu a mão’ para entrar, por seu intermédio, na vida eterna a que aspiramos todos” (p. 97).

Um ensaio como esse revela o movimento das reflexões de Alexandre Eulálio a que aludimos mais acima: do humano muito humano para o artístico, e deste de volta para aquele. Assim podemos compreender como os polos de seu estar no mundo se estendem, como já foi notado por alguns dos que conviveram com ele, de Diamantina a Veneza. Nascido embora no Rio de Janeiro, o autor é algo como um cosmopolita interiorano. Seu ensaísmo tem muitos pontos de contato com o de um Augusto Meyer que, a par de escritos muito eruditos sobre um universo imenso de assuntos e autores, não desdenhou de investigar também, numa atitude por certo tributária da sensibilidade romântica filtrada pelo Modernismo, a poesia e o folclore de sua terra, sem demonstrar com isso nenhuma forma de condescendência, como demonstram o livro *Guia do folclore gaúcho* e o ensaio “Tópica na poesia popular” (MEYER, 1951 e 1956, respectivamente), neste último investigando o assunto a partir das formulações de Ernst Robert Curtius em *Literatura europeia e idade média latina*.

Mas o temperamento irrequieto não permite que ele se torne, como Meyer, um crítico à sombra da estante. Frequentemente seus escritos

saem do gabinete de leitura para o espaço público. Exemplos disso encontramos, em primeiro lugar, nos textos que tratam de artes plásticas, nos quais a análise das obras têm um andamento de visita a uma exposição, mas principalmente num ensaio como “Um resumo de nossa arte desde o Império”, em que o eterno viajante busca espaços humanizados pela arquitetura no meio de uma metrópole caótica como São Paulo, espaços esses, aliás, sempre ameaçados de destruição, e que ele certamente quer ver preservados.

A consciência da necessidade de preservação do patrimônio histórico, decerto uma de suas afinidades eletivas com Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, revela, ao lado do fascínio pela arte de sua própria época, seu amor pelo passado brasileiro, que ainda tem tanto a ser investigado e recuperado. Aqui compreendemos sua admiração por Brito Broca, um pesquisador incansável das menores minúcias esquecidas de nossa vida literária. Soa mesmo quase como uma evocação do trabalho deste uma crônica como “Música & teatro”, sugerindo que “seria de muito proveito pesquisar as relações que teriam mantido esses compositores [das Minas Gerais no período colonial] com os poetas eruditos seus contemporâneos” (p. 61). Reivindicando para Ouro Preto o título de “Weimar sertaneja”, ele termina com uma série de questões, suficientes para preencher um livro todo:

Qual teria sido, na realidade, o contato mantido entre os poetas de “sangue limpo” e os músicos modestos das confrarias de pardos? Qual o sentido dessa colaboração entre artistas de ordem e estado tão diferentes, dentro do campo comum da arte? De que modo essas relações teriam influenciado ambas as partes? Eis aí algumas questões de amplo interesse cultural, à procura de um pesquisador atilado (p. 61).

Essa preocupação com a recuperação de nossa memória cultural e a preservação de espaços públicos humanizados demonstra que, embora respirando arte e literatura por todos os poros, os escritos reunidos neste livro estão longe de terem sido produzidos no refúgio de uma torre de marfim. E essa atitude explica por que os olhos do crítico não se fecham para as contradições e posturas duvidosas das figuras que mais reverencia. Assim é que, em “Ampulheta de Borges”, embora afirmando decididamente o gênio do autor argentino, ele não deixa de notar que “explorando e reinventando com gênio as mais recônditas virtualidades intelectuais daqueles valores [vitorianos e eduardianos], deles não soube refutar aquilo que possuíam de mais monstruoso e perempto” (p. 108). E

ao falar de Le Corbusier não deixa de assinalar que sua “admiração muito especial [...] pela raça dos autócratas [...] não deixa dúvidas quanto à sua fé caolha na obediência, ele, que gostava de discorrer sobre a ‘necessidade’ de *appendre à dire oui*” (p. 189). E, inversamente, na crônica “Os Beatles são um pouco de tudo para todas as pessoas”, sem deixar de reconhecer a máquina publicitária por trás dos astros do rock, registra com simpatia e compreensão que

Dentro de sua atmosfera absurda, no seu enfrentar corajoso do bom senso e do ridículo, há uma inegável passagem do cabotinismo ao lirismo, que só é cifrada para aqueles que se encontram de todo distantes do mundo fechado da adolescência (p. 88).

Para terminar, de modo surpreendente e ousado, por afirmar que

Estou certo de que Alfred Jarry saberia reconhecer esses discípulos heterodoxos, que expandiram, através dos mais eficientes processos da promoção comercial, um inconformismo patafísico visceral e irredutível como a própria adolescência (p. 89).

O livro é, de resto, rico em aproximações inusitadas como esta. Em “Carroll revisto por Faulkner”, encontra nas personagens Koby e Lobby, da peça *A visita da velha senhora*, de Friedrich Dürrenmatt, uma versão “revista *in sound and fury* por Faulkner, da dupla Tweedledum & Tweedledee”, que Alice encontra no interior do espelho (p. 68). O ápice da ousadia talvez esteja em evocar, a partir das naturezas mortas de Albert Eckhout, as frutas e legumes à venda no Ceasa, cujos preços, aliás, “andam pela hora da morte” (p. 111).

Aproximações como essas decorrem de uma leitura muito pessoal das obras de arte, só possível graças a uma erudição vasta, servida por uma memória prodigiosa e manejada com uma desenvoltura de quem se sente à vontade no mundo.

São alguns lampejos dessa personalidade exuberante que o leitor poderá encontrar nessa coletânea generosamente organizada por Carlos Augusto Calil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1951.

MEYER, Augusto. Tópica na poesia popular. In: *Preto & branco*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956, pp. 207-213.